

# O PHAROL TRANSMONTANO.

PERIODICO MENSAL

DE

INSTRUÇÃO E RECREIO.

N.º 4.

## AGRICULTURA (\*).

As produções vegetaes teem diversos limites; umas vezes dependentes da natureza do solo e do clima, e portanto immudaveis; outras, porém, susceptiveis de variar de tempos a tempos, com os progressos da civilização, com o movimento da população, com os aperfeiçoamentos agronomicos, com os melhoramentos materiaes do Paiz, &c. É pois evidente que podem ter diverso fundamento, e segundo este se dividem em limites; — *meteorologicos*, — *agricolas*, — *statisticos*, — e *economicos*.

A possibilidade de existir e de produzir, que offerece qualquer planta de uma banda do limite, e a impossibilidade, ou, ao menos, a difficuldade que apresenta em se dar da outra parte, fixão os seus respectivos limites meteorologicos. Nossos leitores sabem muito bem a influencia que tem o clima, e os phenomenos atmosfericos sobre a vegetação; de que serviria, por exemplo, introduzir a oliveira na parte septentrional do nosso Districto, em sitios não abrigados do norte e do nascente? Aquella arvore magestosa, quando mesmo fosse possivel dar-se alli, não passaria de um arbusto insignificante.

Os limites agricolas dependem dos systemas de cultura geralmente adoptados em um Paiz, da distribuição do tempo e do serviço dos obreiros, que se empregam em cada uma dessas culturas, &c. Em o numero

precedente viram nossos leitores, como a ceifa dos fenos e a colheita dos cereaes eram um obstaculo sufficiente para estabelecer os limites agricolas á nossa industria sericola.

Ha porém certas culturas, que em razão de predominarem n'um Paiz, demandam consideravel numero de braços, por ser indispensavel effectuar os respectivos grangeios, ou a sua colheita em um espaço de tempo extremamente curto e circumscripto; culturas desta natureza são, em taes circumstancias, necessariamente limitadas pelo contingente de obreiros disponiveis proprios das localidades, e pela força da população complementar dos Paizes vizinhos com que pode contar-se em occasião de aperto de serviço. Com effeito, imaginem nossos agricultores a que ponto se veria reduzida a produção dos cereaes, e com particularidade a do centeio, se na época das ceifas o Districto não apparecesse coberto de grandes ranchos de operarios nacionaes e estrangeiros, que acodem simultaneamente a umas e outras Povoações? Dependem pois, os limites statisticos da *densidade da população*, e do modo como esta se acha repartida pela superficie do Paiz.

Embora porém uma planta não encontre obstaculo algum, meteorologico ou agrológico, em uma localidade dada; embora a

(\*) Veja-se a pag. 33 deste Jornal.

mesma planta possa introduzir-se sem difficuldade no meio das culturas já recebidas no Paiz; e neste superabunde a população, e as classes operarias: não obstante a realisação de todas as condições indicadas, póde ainda assim acontecer, que o novo vegetal seja pouco vantajoso ou prejudicial ao agricultor; ou seja porque depois de deduzido o custo necessario da producção ou da cultura respectiva, o beneficio fique mui tenue ou nenhum; ou porque o defeito das estradas, o seu pessimo estado, e as exorbitantes despesas dos meios de transporte condemnem os productos á estagnação, ou, quando muito, a um mesquinho consumo local; ou em fim, pela influencia de algum imposto, ou por alguma das infinitas causas que podem contribuir para que este ou aquelle genero não possa concorrer no mercado sem desvantagem. Eis aqui os limites, aos quaes se tem dado o epitheto de economicos, e os que sem duvida mais cumpre conhecer e fixar com exação; porque não basta que uma planta, por se achar no centro da sua região meteorologica, dê copioso e magnifico fructo, o grande caso está em que os seus productos possam ter boa extracção, e consumo proveitoso.

Postos estes principios, menos embaracosa nos ficará a descripção da cultura das nossas vinhas, indubitavelmente uma das mais importantes do nosso Districto.

Na verdade o incremento, que, ha alguns annos a esta parte, tem recebido a producção dos vinhos, é progressivo e incontestavel: para convencer desta asserção, que a todos entender nada tem de exagerada, basta attender á vasta extensão de superficie que presentemente se encontra coberta de vinhedos no Paiz; e ter além disto em consideração, que a videira tem usurpado, em algumas localidades, os solos productivos, e mesmo as *terras de pão*, e que grande parte dos nossos vinhateiros, sacrificando a qualidade dos vinhos á quantidade e abundancia, tem despojado aquelle arbusto da sua região meteorologica, desarraigando-o das ribanceiras e das collinas, e subtrahindo-o ás exposições que mais lhe convem.

Qual será porém o fundamento da ten-

dencia geral dos nossos agricultores para a plantação das vinhas, não obstante a sensivel declinação, que se tem manifestado nos preços do genero? Deveremos ter em menos conta as exclamações quotidianas sobre a decadencia daquella cultura? Não haverá encarecimento naquelles clamores, porém serão os vinhateiros, contra as melhores theorias economicas, *maos juizes dos seus proprios interesses*, promovendo a culturação de uma planta que lhes é prejudicial e ruinosa?

Vejamos.

Existe no archivo da Camara de Bragança um pergaminho contendo uma Carta de Lei do Senhor D. Affonso 5.<sup>o</sup>, dada em Santarem aos 26 de Maio de 1448, em que é confirmada *uma postura e costume antigo*, segundo o qual em quanto na villa de Bragança, (\*) arrabalde, e aldêas do seu termo houvesse vinho de propria colheita, não era permittido introduzi-lo de fóra; e isto sob pena de perdimento do vinho introduzido contra o disposto naque'la Lei, e das vasilhas, sendo duas partes para o Concelho, e a terça parte para quem o descobrisse e denunciasse.

Nos apontamentos para Capitulos dos Procuradores ás Côrtes, que a Camara de Bragança havia colligido em 1581, e aos quaes tivemos já occasião de nos referir em o precedente numero deste jornal, encontra-se a proposta de um Capitulo, concebida nos seguintes termos:

« Que as terras, que nesta Comarca forem para dar pão, senão ponham de vinha. »

Além disto, em muitos Termos das nossas Povoações ha extensos montes que ninguem sequer imaginava que houvessem sido cultivados, e nos quaes agora se vão descobrindo vestigios de vinhedos antiquissimos.

Daquelles restos de vegetação extincta, e daquelles documentos (e de muitos outros que omittimos, em attenção ao limitado espaço de nossas columnas), inferimos nós, que a preferencia dada pelo agricultor transmuntano á cultura das vinhas sobre as outras producções vegetaes proprias do Paiz, data já de tempos antigos, e se observa em di-

(\*) S6 depois foi elevada novamente á cathgoria de cidade, por Carta de Lei de 20 de Fevereiro de 1464, achando-se em Ceuta o Senhor D. Affonso 5.<sup>o</sup>

versas épocas, e algumas vezes com preços não menos desfavoraveis para o genero, do que os actuaes: em uma postura da Camara de Bragança, de 3 de Junho de 1647 o preço taxado ao vinho, é o de tostão por almude.

À vista disto é forçoso que exista uma causa geral e permanente por meio da qual se explique o desenvolvimento excessivo da plantação das vinhas, que se nota, em o nosso Paiz, em diversos tempos, e apezar do abatimento do preço dos productos respectivos; e quanto a nós o principal fundamento está pela maior parte na natureza do nosso solo, e do nosso clima, e no complexo das diversas condições meteorologicas e physicas, que fazem com que o terreno do Districto seja mais natural e apropriado para a cultura das plantas lenhosas e arbustivas, e particularmente para a da videira, do que para outras produções.

A nossa latitude geographica, a varia composição mineralogica do terreno, e o *typo geral* da superficie do Paiz, offerecendo a cada passo collinas e *planos inclinados para o meio dia*, que dão em resultado novos climas transportados para latitudes mais meridionaes, explicam sobejamente, e justificam a tendencia dos nossos agricultores, que podem na verdade desvanecer-se de possuir dentro do Districto toda a qualidade de terrenos proprios, não só para os vinhos *licorosos*, e *alcoolicos*, mas para os *perfumados*, ou que possuem certo aroma particular — *bouquet* — ao qual devem a estimação em que são tidos, para os vinhos *espumantes*, &c. Sirvam de exemplo: quanto aos que tem deixado de existir, o *famoso vinho branco* de Moraes, produzido em uma exposição e localidade muito especial entre esta aldêa e a de Lagôa, e que costumava exportar-se todo para o Porto, donde parece que hia algum para Inglaterra; e em quanto aos actuaes, indicaremos o vinho espumoso à imitação do da Champanha, o qual já de ha muito se fabrica em Bragança, naturalmente, e com toda a perfeição de que é susceptivel; bem como os excellentes vinhos das Arcas, e immensos outros de mui subido e exquesito gosto.

TOM. I.

Demais, a cultura da vinha exige minuciosos processos, cuidados assiduos, e trabalhos executados sempre pelas mesmas mãos e pela mesma familia; debaixo deste ponto de vista, aquella produção, e todas as de igual natureza, associam-se maravilhosamente á cultura pequena, que é a predominante no Districto, como por vezes temos advertido.

O proprietario, que possui apenas meia duzia de geiras de terra, nem por via de regra tem os cabedaes necessarios para empregar em animaes, instrumentos aratorios, prados, e mais objectos accessorios e indispensaveis para a cultura dos cereaes; nem mesmo que tivesse esses cabedaes, lhe seria possivel consumir muito tempo no fabrico de um limitado campo: ficam-lhe por isso disponiveis por muitos dias no decurso do anno os braços de uma familia, ordinariamente numerosa, mormente em certas épocas e estações, nas quaes ninguem lhe dá que fazer; nestes intervallos é que elle, a pouco e pouco, vai convertendo em vinhas as suas terras layradas ou estereis, para dentro em poucos annos, e sómente com o seu trabalho e com o suor do rosto, conseguir o excedente de valor que pôde haver entre o capital de um terreno layradio ou inculto, e o do mesmo campo, depois de plantado de vinha; differença, que pôde segundo as circumstancias ser quadrupla, quintupla, e até muito maior. Não hesitemos portanto em admitir, que é por este meio de *capitalisação* que uma boa parte dos nossos camponces miseraveis ou pouco abastados tem melhorado de sorte, e tornado menos penosa a sua existencia; porque é uma classe que tudo faz por suas mãos, e para a qual quasi todo o producto luto é ganho, e consequentemente a unica que pôde lutar com as inconveniencias do excessivo abatimento dos preços.

Já não é assim para os grandes vinhateiros do Districto: as despezas da plantação, a immensidade de braços precizes para os grangeios, a escassez de capitaes, a carestia do numerario, e des jornaes, e a falta absoluta de *agentes intermedios*, cu feitores na lingoagem do Paiz, em quem deleguem a vigilancia e cuidados que por si não podem exercer directamente; fazem com que aquelle

ramo de industria agricola lhes seja pouco vantajoso, ao menos em quanto o preço dos vinhos se não elevar a um ponto que possa cobrir as enormes despezas da sua producção, o que nas actuaes circumstancias se nos afigura bem longe de se realizar.

Concluamos pois: 1.º que a cultura das vinhas com quanto não encontre obstaculos meteorologicos, agricolas, e mesmo statisticos; no nosso Paiz não acontece assim, olhada a questão da producção pelo seu lado economico, e em relação aos grandes proprietarios; 2.º que para a cultura pequena do Districto, e mesmo para a intermedia, ainda se deve reputar de vantagem aquella industria, variando todavia infinitamente o seu producto liquido, segundo as localidades, e segundo a força productiva dos terrenos.

Não duvidamos que circumstancias peculiares ou locaes modifiquem, aqui ou alli, alguma daquellas illações; fallamos em these geral, e não nos é possivel descer a miudezas.

A. J.

#### *Secreção artificial do leite.*

Os *Annaes das Sciencias do Reino Lombardo-Veneziano* citados pelo *Jardim Portuense* referem, que os pastores do Districto de *Verona* costumam provocar artificialmente a secreção do leite nas cabras, ou ellas já tenham ou não parido, fustigando-lhes os ubres com ortigas, comprimindo-lhes e espremendo-lhes as tetas como se as estivessem mungindo: repetindo estas operações cinco vezes por dia, e por tempo de sete dias successivos, o leite apparece a final, e continua em quanto regularmente forem ordenhadas. O leite assim obtido é semelhante ao natural.

A. F. de M. P.

#### *Meios d' avivar a escripta apagada pelo tempo nos pergaminhos e papeis.*

N'uma panella que leve tres a quatro quartilhos d' agoa, lauçai até aos tres quar-

tos da sua capacidade, cebolas cortadas em bocadinhos, ás quaes tenhaes tirado os envulucros ou cascos exteriores; acabai de encher a panella com agoa, juntai-lhe tres nozes de galha contuzas, fazei ferver por uma e meia hora; juntai-lhe mais cousa de meia oitava de pedra-hume, e depois coai por um pano com expressão. Quando quizerdes fazer uso deste liquido o aquecereis primeiro, e logo nelle ensopareis um pano ou papel, que applicareis sobre a escripta delida pelo tempo, depois a aproximareis ao lume, com o que vereis resurgir os caracteres.

Um outro *processo* mais simples consiste em lançar n'um copo meio d'alcool 5 ou 6 nozes de galha em pó; aquecer depois o alcool, e expor então aos vapores do mesmo o papel ou pergaminho cujas letras estão apagadas. Quando isto não baste, molhe-se um pincel ou esponja no dito alcool, e corra-se com elle por cima da escripta. Isto mesmo se pôde tambem fazer com uma dissolução de caparроза em agoa, na qual, quando a letra esteja quasi de todo apagada, se pôde mergulhar o papel ou pergaminho, deixando-o depois secçar.

Tambem conseguiremos o mesmo effeito, passando levemente sobre a escripta, que queremos avivar, uma cobola cortada pelo meio, e molhada em vinagre.

A. F. de M. P.

#### *Processos economicos para tornar o calçado impermeavel á humidade, e á agoa; e o fazer durar o mais que é possivel.*

Em vaso de metal, ou de barro vidrado ponham-se ao lume partes iguaes de sebo, e de rezina de pinho; e quando tudo estiver bem derretido e misturado, estenda-se com um pincel forte sobre a sola dos sapatos, ou botas, e mesmo em volta do rosto até á altura de uma polegada. Reitere-se esta operação as vezes necessarias (ordinariamente tres), pondo-se depois de cada uma dellas o calçado a secçar ao sol, e voltando-o para que fique bem penetrado pela composição: em o calçado adquirindo um brilho como de

verniz, da-se a operação por terminada. Nos casos ordinarios é sufficiente a applicação pela forma que temos dito, mas se os sapatos ou botas fossem destinados para se andar com elles na agoa, então seria necessario applicar a composição em toda a superficie dos mesmos.

Um outro processo consiste, em fazer derreter em meia canada de azeite, duas onças de cêra amarella, duas onças de terebentina, e meia onça de pez de Borgonha: esfrega-se depois o calçado novo com esta composição, que deve ser dada ao calor do lume, e repetida em quanto o couro a absorver, e se seccar com facilidade.

Quasi com os mesmos ingredientes, e para o mesmo fim se pôde preparar uma *graxa impermeavel*: eis aqui a receita.

|                                |          |
|--------------------------------|----------|
| Tomai de pingo de porco . . .  | 4 onças. |
| — sebo . . . . .               | 8 »      |
| — terebentina . . . . .        | 2 »      |
| — cêra amarella nova . . . . . | 2 »      |
| — azeite . . . . .             | 2 »      |

Derretei e misturai tudo.

Esfrega-se o calçado com esta composição, não o calçando as primeiras 12 horas, para lhe dar tempo de se embeber della; depois do que, se afirma, que o não penetrará a mais pequena humidade, mesmo quando todo um dia se andasse com elle na agoa.

Sabemos que se tem fabricado couros *impermeaveis*, mas o seu uso não se tem generalizado, talvez por causa do alto preço dos mesmos; além de que, o calçado com elles feito tem o inconveniente de impedir a evaporação da transpiração dos pés, o que é desagradavel, e nocivo á saude. Os meios que deixamos referidos preenchendo o mesmo fim, são pouco custosos, contribuem para a duração do calçado, e podem applicar-se aos sapatos, botas de canhão, ou polainas de couro.

A. F. de M. P.

*Processos para economicamente fazer oleados, e tornar os tecidos impermeaveis á agoa.*

Pois que estamos a entrar no inverno, e damos as receitas para tornar o calçado im-

*permeavel* á agoa, julgamos que nossos leitores folgarão de encontrar aqui os meios de tornar tambem *impermeaveis* os capotes ou cazacos, e de obter economicamente um oleado já experimentado, e que não deixando penetrar a chuva, nem estalando com a compressão pôde ser empregado em capotes, polainas, cobertas para cargas, carros, &c. Eis a receita.

Estenda-se o pano, que se pertende olear, em uma parede ou sobrado, de fórmula que fique bem tirante e estirado, o que se consegue pregando-o nas pontas; então se humedecerá todo por igual com uma esponja ou escova molhada em agoa, quando depois estiver quasi enchuto, se procederá a olealo pela fórmula seguinte:

Em vaso de louça vidrada se lance a quantidade necessaria de oleo de linhaça, juntandolhe, por cada quartilho, uma onça de fezes d'ouro, e tres cabeças d'alho bem esmagadas, e mettidas em boneca de pano raro; ponha-se o vaso ao lume, e deixe-se ferver tudo lentamente, mexendo sempre com colher de páo. Quem não tiver visto praticar, para saber quando o oleo tem fervido sufficientemente, lance nelle um casco de cebola, quando elle estiver rijado e leve, está o oleo fervido: tire-se então do lume, continue-se a mexer até esfriar, juntandolhe pós de sapatos (ou outros segundo a côr de que se quizer o pano) até tingir o oleo sufficientemente, mas sem lhe dar muito corpo, pois que é melhor haver antes de dar mais uma de-mão ao pano, do que deixar a tinta grossa. Então por meio de um pincel macio se applica ao pano a primeira e segunda de-mão, estendendo sempre bem a tinta. Depois de secca esta, lava-se bem o pano com agoa, esfregando com esponja ou escova dura; e para se lhe darem as outras de-mãos torna-se primeiro a levar o oleo ao lume, e se lhe junta uma pequena quantidade de gomma almecega, com o que ficará o oleado muito lustroso. Estando a tinta bem feita são necessarias 4 até 6 de-mãos; e advirta-se, que não se dá uma sem ter seccado bem a antecedente. Quando o oleado fôr destinado para cobertas de carga, ou usos semelhantes, pôde ser feito de pano de linho ou lona;

mas quando fôr para capa ou casaco, é melhor o pano cru d'algodão, com tanto que seja tapado, forte e liso, e neste caso é também melhor mandar fazer o fato quando o oleado tiver só as duas primeiras de-mãos de tinta, dando depois as outras, que taparão também as costuras.

*Outro processo.* — Tome-se um quartilho de óleo de linhaça cozido, e meia quarta de gomma elastica, em vaso de louça vidrada façam-se ferver docemente; ajuntem-se á mistura mais tres quartilhos de óleo cosido, meio arratel de rezina de pinho, meio arratel de cêra amarella, e outro tanto de fezes d'ouro, faça-se ferver tudo junto até perfeita dissolução e mistura; e em quanto o liquido estiver ainda quente, applique-se sobre o tecido, que se pertende olear.

*Outro.* — Tome-se um quartilho de óleo de linhaça, outro tanto verniz ordinario, meia onça de terebentina, e uma colher de mel; faça-se cozer esta mistura a fogo brando, e em vaso de louça vidrada, mexendo até que tudo esteja dissolvido; applique-se depois ao pano, e seque-se ao ar livre.

Para fazer que os tecidos sejam impermeaveis á agoa, dissolvi duas onças de sabão branco em 12 quartilhos d'agoa da chuva, fazendo-a ferver; fezei igualmente ferver, em outra igual quantidade d'agoa, tres onças de pedra-hume; deixai esfriar um pouco as duas dissoluções, a ponto de nellas se poder metter a mão sem queimar-se, e então fezei passar repetidas vezes os tecidos na agoa de sabão, e logo em seguida na da pedra hume. Enxugai depois ao ar livre.

Quando se operar em tecidos de lã, é bastante empregar as dissoluções no grão de força que deixamos dito; e podem mesmo, por meio de uma escova, ser applicadas ao fato já feito, tal como cazacos, capas, &c. Quando porém houverdes de operar em tecidos d'algodão, é necessario o duplo dos ingredientes na mesma quantidade d'agoa; o triplo para os tecidos de linho, e para o papel; e o quadruplo para as sedas.

A. F. de M. P.

### Hydrophobia.

Uma das mais terrificas molestias que opprimem a animalidade, é sem duvida o contagio do virus hydrophobico ou rabido: — as afflicções que curtem os pobres brutinhos damnados, muitas vezes temos nós presenciado, não sem dôr de nosso coração; e quando aquelle que labora nestes trances afflictivos é um individuo dotado de racionalidade, e que nos intervalos do infernal furor, tem por *lenitivo*, o sentimento de uma morte infalivel, e mais que todas violenta e amargurada, porque a sciencia ainda não descobrio remedio para separar os principios morbificos da massa do sangue depois de estar verdadeiramente infectado: então é que será a dôr das dôres, e a afflicção das afflicções, uma imaginação viva lhe reduzirá a breve existencia a uma constante tribulação, agonia e desespero, e um fogo que lhe devora as entranhas, lhe fará desejar uma morte prompta, como o maior bem!!

Este contagio tem épocas de desaparecer totalmente; épocas em que se desenvolve com lentidão; e épocas, finalmente, em que se estende largamente, fazendo terriveis estragos. Actualmente é nestes sitios, uma época de crise. Tem por aqui morrido muitos cães de raiva, e muitos tem sido mortos, como medida preventiva, logo que se lhe notam symptomas de estarem affectados; também me consta que por este motivo, já fôra morto um boi, e outros quadrupedes. Algumas pessoas tem sido mordidas de cães damnados, e tem andado de curativo, bem repassadas de tristeza; mas ainda não tivemos a lamentar a triste scena de uma pessoa raivosa.

Esta molestia, como é sabido, costuma desenvolver-se espontaneamente nos cães, e destes é que se transmite entre nós, por via de regra, para os outros quadrupedes, e para o homem por meio da mordedura; deveria portanto a Authoridade Administrativa, sem desacatar as chaves de S. Pedro, (\*) dar as

(\*) É principio corrente na crença destes povos, que tornando candente, a extremidade da chave de uma igreja, cujo orago seja S. Pedro, e tocando com ella no frontal de um cão, não o preserva, é verdade, de se

mais energicas providencias; mas quaes deverão de ser ellas adequadas? Um cão o mais bem tratado, acompanha seu amo, em um momento é acommettido do mal, a poucos passos morde e dilacera um homem; e como prevenir este accidente? Só exterminando a raça canina; masahi vinham logo os filhos de Diana, em cujo numero nos contamos, mais raivosos, que os proprios cães, levantando uma *cruzada* contra esta medida caninica!

Continuemos pois a soffrer este flagelo da animalidade, assim como soffremos tantos outros; porque a instancia que occupamos é, sem duvida, um grande espaço, aonde só reinam dôres e miserias a que difficulosamente se torna superior o espirito depurado pela philosophia.

Vimieiro, 21 de Outubro  
de 1845.

A. M. Cabral.

Agradecemos ao nosso illustre correspondente e amigo, o Sr. Cabral, a noticia que deixamos transcripta sobre hydrophobia: honra ao cidadão probo, que não julga o seu bem estar isolado e independente da felicidade geral, e que nem é apathico, nem indifferente aos males que opprimem a terra do seu nascimento. Quizeramos vêr este exemplo mais seguido; na certeza de que as columnas do Pharel continuam a ser francas para tudo o que seja d'interesse geral do Reino, ou particular desta Provincia.

A hydrophobia é uma molestia assaz frequente neste Paiz, e por isso, prescindindo de considerações historicas, e puramente theoricas, julgamos a proposito fazer uma rapida exposição dos conhecimentos praticos que sobre ella possuimos, o que talvez possa ser de alguma utilidade: considera-la-hemos tanto no homem, como nos quadrupedes que mais interessam a este, principiando assim a satisfazer aos desejos de alguns de nossos

damnar, mas obsta-lhe, a que morde depois de damnado; e assim vemos, depois de uma destas crises, apparecerem muitos cães de cicatris na testa, dos quaes eu nunca me fio, apesar de que não quero passar por incredulo.

assignantes, que nos tem rogado publicemos alguns artigos sobre as diferentes molestias, que acommettem os animaes domesticos.

A hydrophobia apparece espontanea em varias especies dos generos *canis*, e *felis*: taes são, o cão, o lobo, a rapoza, e o gato. No homem julgava-se que só por *inoculação* ou mordedura de animal damnado podia ter logar, e ainda hoje é esta a opinião de muitos medicos, no entanto, ha exactas observações recentes, que provam o contrario.

Os animaes acima ditos podem communciar a hydrophobia por mordedura ou *inoculação* de sua baba a todos os outros quadrupedes, ao homem, e parece que até ás aves. Em quanto a maior parte dos Auctores admite unicamente este meio de communicação da hydrophobia, outros affirmam, que cavallos, carneiros e bois se tem damnado por comerem a palha, sobre que haviam morrido uns porcos affectados da mesma molestia. Enaux e Chaussier dizem, que muitas pessoas tem contrahido a hydrophobia por se terem assoado a lenços, que haviam servido a um hydrophobico. Muitos outros casos semelhantes se encontram nos Auctores, os quaes nos devem tornar mais cautelosos. Presumia-se porém, que os animaes herbivoros não só não tinham a hydrophobia espontanea, mas nem mesmo a podiam communciar aos outros animaes, quando elles proprios a tinham contrahido por mordedura: experiencias e observações novas, feitas em França na escola veterinaria de Alfort, confirmam esta asserção a respeito das vacas e carneiros.

Em quanto ás causas da hydrophobia espontanea, reina ainda grande obscuridade, muitas se tem enumerado, mas as experiencias e observações, que a tal respeito se tem feito, pouco nos tem esclarecido. Parece porém certo, que o clima influe no apparecimento desta molestia; que ella tem uma como predilecção pela porção fria das zonas temperadas; sendo rarissima nas zonas torridas, e até desconhecida em muitos paizes, como o Egipto, e a Syria. Tambem se tem notado em França, que, ainda que a hydrophobia espontanea appareça em todas as es-

tações, no mez de Janeiro, o mais frio do anno, e no de Agosto, o mais quente, é precisamente quando se notam menos casos: e ao contrario, durante os mezes de Maio e Abril é que se encontram mais lobos, e em Maio e Setembro mais cães damnados, segundo observou M. Trollet em uma estatística, que comprehendia 114 cães hydrophobicos. Entre nós, como bem nota o Sr. Cabral, parece que a época mais propicia ao apparecimento da hydrophobia espontanea nos cães é o mez de Outubro: á annos que nós fazemos esta observação, e a verificamos no proximo preterito Outubro, em que fomos consultados por quatro pessoas mordidas de cães damnados, apparecendo estes em varias povoações proximas a esta cidade. Tambem parece reconhecido, que a hydrophobia, assim como as outras molestias virulentas, requer uma predisposição individual para o seu desenvolvimento espontaneo, e transmissão contagiosa.

A hydrophobia communicada não se manifesta no homem senão depois de 30, 40, ou mais dias, a não haver alguma causa que apresse o seu desenvolvimento. As feridas ou mordeduras não offerecem cousa de particular, e cicatrizão como quaesquer outras que houvessem sido feitas por animal não damnado: este é o *primeiro periodo* da molestia, ou *incubação*: é nelle que, segundo affirmam Salvatori e Marochetti, do 3.º ao 9.º dia, apparece de cada lado do freio da lingua uma pequena pustula ou vesicula, onde se depõe o virus, para depois ser novamente absorvido. No *segundo periodo*, as cicatrizes tornam-se tumidas, rubicundas, dolorosas, ou pruriginosas, e se abrem novamente: se ainda havia supuração esta apresenta-se ichorosa. O doente sente inquietação, tristeza, sonhos aterradores, suspiros, falta de appetite, affecções nervozas variadas, fugindo para a solidão, &c. O *terceiro periodo* é caracterizado por horripilações e frios, contracção dolorosa do diaphragma, respiração difficil e anhelante, suspiros profundos, soluços e ameaços de suffocação, convulsões, oppressão, ardor e constricção da faringe, deglutição impossivel, secura de boca, sede ardente, e ao mesmo tempo horror e furor convulsivo ao

aspecto dos liquidos, e até dos corpos polidos e brilhantes. Todos estes symptomas se exacerbam em parocismos irregulares, nos quaes a agitação é extrema, o rosto animado, a vista furiosa, os gestos ameaçadores, a voz rouca, a susceptibilidade dos sentidos levada a grande excesso, o pulço duro, tenso, e desigual; muitas vezes delirio, tendencia a morder, a salivação abundante e espumosa. Estes parocismos tornam-se cada vez mais longos e violentos, e o doente apresenta-se a final pálido, fraco e pusilanime, succumbindo no meio das convulsões, ou da syncope. Declarada a molestia, a sua marcha é rapida, e o doente morre algumas vezes ás 24 horas, mas ordinariamente do 2.º ao 5.º, e raras vezes chega ao 7.º dia a partir do apparecimento do terceiro periodo.

Nos quadrupedes os symptomas variam segundo a especie do animal. O cão damnado mostra-se primeiramente triste e abatido, permanecendo agachado a um canto da casa, e rosnando sem causa ou motivo apparente; as mais das vezes perde a comida: com o progresso do mal vem a agitação do animal, os olhos incendiam-se-lhe, e a vista torna-se ameaçadora; com as orelhas baixas, a cauda abatida, a boca espumosa, e a lingua pendente vagueia de um lado para outro. É então que elle se arremessa aos animaes que encontra, mordendo, e andando sempre. Alguns perdem a voz, outros tornam-se roucos, e lançam medonhos uivos; quasi todos experimentam convulsões ao vêr a agoa e corpos polidos, sobre os quaes se lançam com furor para os morder. O primeiro accesso de raiva dura pouco tempo, é seguido por algum descanso, durante o qual, o animal se mostra triste e abatido, com a espinha dorsal curvada para cima, o pello erissado, e a cabeça baixa: depois sobrevem um segundo, e outros accesos; as forças esgotam-se, e o animal morre no meio de convulsões do 2.º ao 9.º dia. É notavel, que os cães hydrophobicos, por pequenos que sejam, arremessam-se sobre os maiores e mais fortes, os quaes nem procuram defender-se, tal é o terror que aquelles lhes inspiram.

O cavallo damnado em consequencia da

mordedura de um carnívoro hydrophobico, apresenta-se primeiro triste e abatido; acommettido pelo accesso o animal rincha, rapa a terra com as patas, escoucinha, sacode a cabeça, pratica movimentos desordenados, manifesta algumas vezes vontade de morder, chegando até a morder-se a si proprio: outras vezes mostra horror á agoa, lançando-se com furor sobre este liquido. No fim da molestia, e da vida, é frequente a paralizia de metade posterior do animal.

O boi lança queixozos mugidos, procura com as pontas os outros animaes, faz movimentos desordenados, mas raras vezes morde: ao 2.º ou 3.º dia os bois damnados ou rinam muito, mas gotta a gotta; manifestam um excessivo desejo do coito; e ao 4.º dia cahem no chão, com a boca espumosa, e a metade posterior do corpo paralisada: é raro que estes animaes mostrem horror á agoa, antes ao contrario bebem muito. A morte sobrevem-lhe ordinariamente ao 9.º dia.

Nos animaes lanigeros a hydrophobia conhece-se pelo andar vacillante, e a paralizia mais ou menos completa dos membros posteriores, pela tristeza, e pela excitação venerea, que conduz o carneiro damnado a lançar-se em cima dos outros que o acompanham, pondo assim em desordem todo o rebanho. Os accessos de raiva manifestam-se pela furia e esforços para marrar, mas nunca pela tentação de morder. Nos porcos a hydrophobia mostra symptomas semelhantes aos que se observam no cão.

Os primeiros socorros, que devem prestar-se a uma pessoa mordida por um animal damnado, são unicamente relativos á ferida, e constituem o tratamento local, a parte mais importante da therapeutica da hydrophobia communicada. Consistem em pôr a descoberto o fundo da ferida, e todas as suas sinuosidades, lavar tudo bem com agoa morna simples, ou em que se tenha dissolvido alguma das seguintes substancias, sabão, vinagre, sal, potassa, ou chlorureto de cal: logo se applicará sobre a ferida uma ventosa, se a parte assim o permittir; e depois se procederá á cauterisação, a qual se executa por meio do ferro candente, dos acidos mineraes, do amoniaco liquido, nitrato de prata,

nitro de potassa, deutóxido de mercúrio, e o deutoclurureto d'antimonio (manteiga d'antimonio). Quando as feridas são pouco profundas, e não tem proximos vasos ou nervos consideraveis, e que o mordido consente nisto, é sempre preferivel o cauterio actual (ferro candente): no caso contrario, nas feridas profundas e sinuosas, é melhor applicar os causticos. A supuração da ferida deve ser entretida durante 30 ou 40 dias por meio de unguentos irritantes, ou de visicatorios. Quando as feridas forem numerosas e profundas, não se deve hesitar em praticar a excizão ou amputação, uma vez que a parte seja para isso accommodada.

(Continuar-se-ha).

A. F. de M. P.

## O CANTARO D'AGOA.

CHRONICA DO SEculo XIV.

### CAPITULO V.

#### A MENSAGEM.

« Como da gente illustre portugueza

« Ha de haver quem refuse o patrio marte ?

CAMÕES — LUSIADAS.

Esse cavalleiro que entrára coberto d'armas alionadas, era um mancebo de trinta annos, alto, e bem fornido; a viseira erguida deixava vêr sua fisionomia nobre, e perfeita; barbas, bigodes, e cabellos pretos realçavam a alvura de seu rosto; tão parecido com o de Mecia Vasques era elle que, a não serem as barbas, e o ar varonil, qualquer dissera que era aquella ferosa dama sob o trage de cavalleiro disfarçada. E com effeito era Gonçalo Vasques Coutinho, Alcaide mór de Trancozo, irmão de Mecia Vasques, quem tinha entrado na sala do festim de Martim Gonçalves d'Atayde, como mensageiro do Mestre d'Aviz.

Apenas elle entrára, um grito involuntario partio do coração de Mafalda Gomez Sarmiento, que cobrindo com as mãos seu lindo

rosto pallido, como de horror, deixou cair sua cabeça esvaída, como por uma instantanea vertigem, sobre o regaço de Meécia Vasques. E ella apertou-a contra o seio, com entranhavel amor; e beijando-a na testa, que um frio suor humedecia, olhou para seu irmão com um ar que, se eu quizesse descreve-lo, não soubera talvez dizer tudo quanto elle encerrava: era d'amizade fraternal a mais pura, misturada com reconvenções tão tristes!!...

Arrastado por uma força invencível, esquecendo o solemne character de mensageiro de que estava revestido naquelle momento, correu Gonçalo Vasques para junto de Mafalda Gomez, como para soccorre-la: ella porém como se receasse que seus guantes de ferro estivessem em braza, e a queimassem, o affastou horrorizada, fazendo um movimento com a mão direita, que bem indicava não aceitar, nem querer receber esse soccorro que elle corrêra a dar-lhe.

Se uma maça d'armas tivesse cabido sobre o capacete de Gonçalo Vasques, descarregada por mão de vigoroso cavalleiro no mais rijo de batalha encarniçada, não lhe fizera maior abalo, que esse movimento de Mafalda Gomez lhe fez, affastando-o com a mão. Seu alvo rosto, e naturalmente corado, ficou pallido, e quasi esverdeado; seus labios rubicundos ficaram roxos; e o beiço inferior tremeo convulso, como se quizeria articular palavras, cujo som ficára sumido no coração. Um suor frio lhe regelou o corpo todo; cujos membros quasi se avergaram sob o pézo da armadura. E a cinta, ou charpa azul celeste que a tiracollo lhe pendia sobre o lado esquerdo, quasi o estrangulava.

Volveo os olhos em derredor como allucinado; ou antes como leão furioso que escolhe a preza em meio de um rebanho, e fixou-os em Vasco Gomez de Seixas, o fidalgo gallego, que elle sabia parente de Mafalda Gomez Sarmiento. Suas vistas se encontraram como duas espadas que se cruzam, e faiscam chocando uma na outra.

Não esperava Gonçalo Vasques aquella recepção tão fria, e gelada da parte de Mafalda Gomez, sua promettida esposa desde antes do começo das guerras de Castella e

Portugal; separados por ellas ficaram intactos seus juramentos, e promessas, que seu pai o Adiantado mór de Galiza, Diogo Gomez Sarmiento, approvára em sua hora derradeira, depois da batalha d'Aljubarrota, quando crivado de feridas expirou nos braços do Alcaide mór de Trancozo, legando-lhe suas armas alionadas, que elle trazia agora, e a mão de Mafalda Gomez, que acabava de repulsa-lo com tanto desamor. Com os pezames da morte de seu pai, lhe escrevêra Gonçalo Vasques suas derradeiras disposições, e lhe dera a segura esperanza, de que iria cumprir seus mais queridos votos, após o anno passado do luto rigoroso por seu pai. Circumstancias que elle ignorava fizeram que suas cartas não fossem lidas por Mafalda Gomez; e essa era a razão de sua frieza, ou antes de seu horror ao vê-lo entrar na sala do banquete.

Mafalda Gomez amava Gonçalo Vasques com esse amor ardente de uma alma que só vive para amar, e que desse sentimento fez o idolo, e culto de seu coração; porém amor puro, e casto como o de uma virgem era o della; approvedo por seu pai, que a promettera a Gonçalo Vasques, toda se entregára á suavidade dessa esperanza, que só aguardava realizar-se; misturada com os receios da guerra, lhe dava maior realce nos cuidados, e sustos continuos que produzia. A batalha d'Aljubarrota, onde os castelhanos foram desbaratados, deixara orfã a Mafalda Gomez, que após a fatal nova da morte de seu pai, nunca mais tivera cartas de Gonçalo Vasques; uma mão invejosa de sua ventura as tinha roubado covarde, e traçoicamente. Ao ouvir o som da trombeta do mensageiro estremecera seu coração, porque elle presentira a chegada dessa parte que estava separada de sua alma; porém ao vêr entrar Gonçalo Vasques, soltára um grito, e desmaiara sobre o collo dessa que tambem devia ser sua irmã, porque reconhecera, ao mesmo tempo que vira seu amante, as armas que foram de seu pai; essas armas alionadas que trazia o mensageiro do Mestre d'Aviz. Aquellas armas foram conquistadas por Gonçalo Vasques, que as houve á custa do sangue de seu pai... assim pensára Mafalda

Gomez, julgando que só a troco de lançadas podera elle havê-las... e um lago de sangue... o de seu adorado pai... os separava para sempre, na ideia da infeliz donzella... por isso horrorizada repellio o socorro que seu amante açoitado corraera a prestar-lhe, quando a vio desmaiar.

Rapida como o pensamento fôra esta scena que acabo de descrever. Em meio da sala, de pé, estava Gonçalo Vasques, tendo cruzado com Vasco Gomez, esse olhar de guerra, e morte: julgára o fidalgo gallego que suas maquinações diabolicas foram descobertas já por Gonçalo Vasques; e este, ignorando-as, julgava que o parente de Mafalda Gomez o tinha expulso do coração dessa que o amára, e que agora o repellia desabridamente, para fazer-lhe mais sensível sua victoria sobre o fidalgo portuguez.

O ciúme abriu sua terrível cratera no coração do Alcaide mór de Trancozo; sem contúdo expellir as ardentes lavas que alli se fundiam, promptas a tresbordar. E sua fisionomia tinha uma belleza, que fazia terror!...

Quem ha hi que não conheça e avalie o que elle devia sentir naquelle instante?... Quem ha hi que na palavra *ciúme* não encontre a explicação dessa expressão terrível da fisionomia de Gonçalo Vasques?...

Só quem não sabe amar... só quem cuida que o amor é esse sentimento *prosaico* chamado *gôzo*... só quem julga que o *ciúme* é um sentimento indigno das almas grandes... Oh! bem pequenas são ellas, essas almas incapazes do ciúme, e seus terríveis furores!

No momento em que na sala entrára o mensageiro do Mestre d'Aviz, todos os convidados de Martim Gonçalves se ergueram; só as damas ficaram assentadas; e fôra tão rapida a scena que se passára naquelle momento, que talvez algum dos cavalleiros presentes nem attentasse nella: um grito, e um quasi desmaio, são cousas tão communs em uma dama, que a maior parte dos homens julga cousas indifferentes, porque tendo as almas embotadas não avaliam as dôres della infinitas, nessas organisações delicadas de uma mimosa dama, para a qual o espinho

imperceptível é punhal envenenado, que não só fere com dôr violentissima, mas até mata muitas vezes.

Não passou porém desapercibido este drama, desconhecido ao vulgo; Martim Gonçalves o vio todo... e tão triste!... tão pouco esperançoso de um feliz desenlace o vio elle!...

O Alcaide mór de Chaves dominando suas interiores sensações, olvidou por um momento, que o cavalleiro que entrára era seu cunhado, o Alcaide mór de Trancozo, para pensar que estava ante elle — um mensageiro do Mestre d'Aviz, que vinha de sua parte dar-lhe mensagem importante. — E saudando-o com cortezia, assim fallou com voz solenne:

« Em boa hora vindes, cavalleiro! Nunca sereis de mais entre nós outros!... Ainda que sob diversas bandeiras alistados, a ordem de cavallaria nos faz irmãos, fóra do campo da batalha... Se quereis honrar-me, e honrar-nos, tomai parte em nosso banquete da vespera de Natal... e depois dareis vosso recado!... »

— Primeiro que tudo darei a mensagem de meu senhor, e Rei Dom João 1.º de Portugal; nem antes disso aceitarei vossa sobre hospitalidade. —

Assim respondeo Gonçalo Vasques.

« Podeis pois dizer-la em toda a segurança. Recebe-la-hei, não do que chamais rei de Portugal, mas do infante D. João, Mestre d'Aviz, filho natural legitimado do senhor rei Dom Pedro, que sancta gloria haja. » Tornou Martim Gonçalves.

E Gonçalo Vasques assim deu a mensagem que trazia.

— A Martim Gonçalves d'Atayde, Alcaide mór do castello de Chaves, ElRei Dom João 1.º de Portugal e Algarve, envia muito saudar: e querendo o dito senhor, e rei fazer-lhe mercê, e aos demais seus vassallos ao serviço delle dito Martim Gonçalves, lhes faz saber o seguinte: Que tendo sido aclamado rei destes reinos pelas côrtes de Coimbra, e tendo conquistado a maior parte delles, com a ajuda de Deos, e de seus fieis vassallos, vos empraza a vós, Alcaide mór de Chaves, para que lhe vades prestar jura-

mento de preito, e menagem, dentro do prefixo termo de vinte e quatro horas, a contar da presente, a S. Pedro de Costem, onde hoje virá pernoitar com sua gente de guerra. No caso de que assim o façais, vos fará mercê, e aos vossos; e no caso contrario, vos tratará como a inimigo delle, e de seus reinos, e vos fará guerra, e aos vossos, até vossa total destruição. E como sob vosso pendão servem cavalleiros, e homens d'armas estranhos, a esses offerece o dito senhor, e rei, seguro para sahirem do reino, com suas fazendas; e caso nelle queiram ficar, como a seus naturaes os tratará, fazendo-lhes honras, e mercês, segundo suas jerarchias. Esta é a mensagem que meu senhor, e rei ordenou trazer-vos, e que fielmente vos trago, e dou diante de Deos, destes cavalleiros, e nobres damas. Assim Deos seja em minha guarda, e na vossa. —

Um momento de sepulchral silencio se seguiu á mensagem de Gonçalo Vasques Coutinho, que elle proferira com voz forte, e segura. Fôra a luva arremessada no campo; nesse campo até alli tranquillo, que dentro de pouco vai mudar-se em campo de batalha!...

Martim Gonçalves d'Atayde, rompeo esse silencio, com voz de quem luctára com muitos affectos contrarios; e assim respondeo á mensagem do Mestre d'Aviz.

«Dizei ao infante Dom João, Mestre d'Aviz, que Martim Gonçalves d'Atayde, tem o castello de Chaves por Dona Beatriz rainha de Portugal e Algarve, filha unica, e herdeira da corôa de seu pai o senhor rei Dom Fernando, que Deos tenha em sua sancta gloria: a cuja senhora e rainha como Alcaide mór de Chaves ha prestado juramento de preito, e menagem, que sustentará á custa de sua vida, e fazenda, até sua total extincção, ou desquitamento da dita sua senhora e rainha Dona Beatriz de Portugal, rainha de Castella e Leão. Quanto porém a estes cavalleiros, elle os releva de seus juramentos, podendo livremente sair deste castello, e seguir as bandeiras que escolherem. Esta a minha leal resposta, que tomo a Deos; e á vossa honra por testemunhas, de que fielmente a dareis ao Mestre d'Aviz.»

— «Nenhum de nós abandonará o nobre Alcaide mór de Chaves, Martim Gonçalves d'Atayde, em sua boa, ou má fortuna; por mim o juro; e creio que o poderá fazer por todos os mais cavalleiros presentes.» Disse Garcia Pereira, olhando de relance para Violante da Silveira, que trémula ouvira, e presenciara toda aquella scena; e que com um sorriso de cherubim agradeceo o terno, e rapido olhar de Garcia Pereira. Bem sabia ella que ao seu amor sacrificava elle o que tinha de mais caro — após ella — a sua patria, por cuja independencia tudo sacrificára, excepto Violante da Silveira.

E todos os cavalleiros repelliram a faculdade que Martim Gonçalves lhes dava, de sahirem do castello, nas horas do perigo, quasi certo, como se uma offensa lhes fizesse.

«Não foi intenção minha offender-vos, desquitando-vos de vossos juramentos, nobres cavalleiros!... Certo estava eu de vossa lealdade para com aquella que jurastes rainha, e para com aquella que escolhestes por capitão.»

— «Nem que o nós, ou vós quizeramos desfazer, o poderíamos, em quanto meu senhor, e rei Dom João 1.º de Castella, e Leão, o não consentisse, *filhando-vos* o castello de Chaves, e desquitando-nos a nós outros de nossos juramentos.»

Disse o orgulhoso Vasco Gomez de Seixas, que a seu rei natural, o de Castella, attribuia a fidelidade que os portuguezes só tinham jurado a sua esposa a rainha Dona Beatriz.

«Ao rei de Castella?! não: tornou Martim Gonçalves: mas ao marido da rainha de Portugal: a esse devemos nós lealdade, como seu legitimo esposo, pelo consentimento d'ElRei Dom Fernando seu pai, e pelas capitulações de seu contracto de casamento. Nem penseis vós, senhor D Vasco, que os *filhos d'algo* portuguezes desconhecem seus direitos e seus deveres... sabem, como os *filhos d'algo* castelhanos cumprir uns; e como os cavalleiros da tavola redonda manter os outros. E sabeis que, se eu quizesse desquitar-me do preito que hei prestado por este castello, eu o poderia fazer com honra, embora a rainha minha senhora, e seu marido não quizessem filha-lo.»

— «Como assim?! . . . serieis tido por cavalleiro desleal, se tal fizesseis.» —

Tornou Vasco de Seixas, como duvidando da possibilidade do direito que Martim Gonçalves dizia ter.

«Durante a comida vos provarei minha proposição: agora que a mensagem está dada, e recebida, o mensageiro do Mestre d'Aviz quererá aceitar parte do nosso banquete?»

Disse Martim Gonçalves, voltando-se para Gonçalo Vasques, depois de ter dado satisfação a Vasco de Seixas.

— Não é o Mensageiro do Mestre d'Aviz, ElRei Dom João 1.º de Portugal, que aceita o vosso generoso, e cortez convite; esse tendo cumprido sua mensagem, deixa o caracter de que estava revestido, fiado na immuniidade de vossa honra, para ficar o que é — o vosso querido irmão Gonçalo Vasques Coutinho.»

E com os braços abertos correu para Martim Gonçalves, que o preveniu vindo ao meio da sala abraça-lo com ternura d'irmão. E lagrimas furtivas correram de seus olhos, e dos de Mecia Vasques, a qual autorisada pelo exemplo de seu marido foi abraçar seu irmão; ficando os tres por alguns momentos, como sendo Mecia Vasques a éra que enlaçava aquelles dois altivos troncos.

E Mafalda Gomez? cobrio com seu lenço de cambraia alvissima os seus lindos olhos castanhos donde jorravam torrentes de lagrimas. A sua orfandade lhe fez sentir mais horrorosa essa *viuvez d'alma* em que se reputava estar. . . Em quanto isto se passava, Garcia Pereira de pé, ao lado de Violante da Silveira, só a via a ella. E Vasco Gomez com olhos de serpente devorava os encantos de Violante, que atterrada com aquelle sinistro olhar, baixára a vista no chão, como para evitar seu terrivel encantamento.

Apóz daquelle abraço fraternal os cavalleiros saudaram cortezmente o cunhado do Alcaide mór de Chaves, que foi saudar as duas damas, com respeito de cortezão. Ao aproximar-se de Mafalda Gomez, os olhos della encontraram os seus. . . e havia nos do cavalleiro uma supplica tão terna, . . . tão terna,

que ainda que elle fosse e iminoso. . . ella o ouviria antes de condemná-lo. . . mas se o fosse. . . oh! não olhára a sim para a orfã daquelle que elle houvera morto, e despojado no combate. . .

O mestre sala de Martim Gonçalves fez trazer uma cadeira de espaldas, que foi collocar adrede ao lado direito do tamborete de Mafalda Gomez, porque Mecia Vasques por um gesto imperceptivel lhe indicára o logar em que devia ficar seu irmão.

Mafalda Gomez, por um instincto, que eu não ousou classificar, contou o numero dos convidados á mesa. . . Eram treze, com o recémchegado. . . e ergueo-se. . . como para buscar o lenço que lhe havia cahido. . . mas não era esse o motivo. . . Dos treze que alli estavam assentados, o primeiro que se erguesse, morreria primeiro que os outros, e antes de findar anno e dia. . . E antes quizera que aquelle sinistro agoiro se realizasse nella, que nesse que alli tinha ao lado. . . nesse que a seu despeito amava cada vez mais. . . Havia nesse agoiro uma religião d'amor tão mystica! . . . e era tão geralmente recebida essa crença, que ao mesmo tempo que Mafalda Gomez se erguera, o mesmo fizera Garcia Pereira, e pelo mesmo motivo. . . não quizera que Vio'ante da Silveira arriscasse a vida erguendo-se primeiro que algum dos outros doze convidados. . . e ergueo-se elle. . . como Mafalda Gomez. . . ao mesmo tempo.

Mas qual dessas duas bellas victimas voluntarias do mais puro amor, accitou o destino para satisfazer sua terrivel lei? Qual dellas seria mais catuasiasta em seu holocausto?

Eram ambos tão religiosos nesse culto. . . que deveria quebrar-se a terrivel lei, em favor delles. . . Mas o destino é tão inexoravel. . . que tremo por ambos elles. . .

E quem vio esse sacrificio mudo dos dois amantes, chamando sobre cada um delles exclusivamente a terrivel realisacão do fatal agoiro? O chronista desta historia, que avalia o coração delles — pelo seu coração. —

Garcia Pereira se assentára logo após de haver provocado sobre si a morte, que elle julgava infallivel dentro do anno e dia; o

imprescriptivel prazo do presagio... mas ao assentar-se julgou vêr que Mafalda Gomez o havia talvez prevenido, erguendo-se tambem. Teve quasi ciumes do amor que ella tinha por Gonçalo Vasques... mas olhou para Violante da Silveira, e pareceo-lhe tão linda... tão linda!... que sorriu entre si, como se contente exultára depois de a haver libertado de uma morte inevitavel: tal era a intima crença de que estava possuido, ácerca da infallibilidade daquelle agoiro.

Mafalda Gomez corou um momento; seria do movimento que havia feito, como bu cano o lenço? Ou seria de envergonhado seu eccração, por assim votar-se á morte por esse que possuía as armas de seu pai?

Por nenhum desses motivos, mas porque Gonçalo Vasques, não obstante o embarço de sua pezada armadura, pondo o joelho em terra, lhe ergueo o lenço, e, ao dar-lho, beijou as lagrimas de que estava humedecido. E por isso ella corára... aquelle beijo do cavalleiro era tão puro... que ella julgou sentir nas faces della colarem-se os labios que o deram.

Ninguém attentára nisto; e quando assim fôra, era tão natural que um cavalleiro erguesse um lenço cahido do regaço de uma dama...

Não era menos cortez a hospitalidade do Alcaide mór de Chaves, do que sumptuoso era seu banquete; do qual fazia as honras como cavalleiro extremado em tudo.

«Justo é, senhor Dom Vasco» disse o Alcaide mór, servindo-o de uma fermosa truta assada, de um tamanho prodigioso, vinda aquella manhã ainda de Monte Alegre, cujo rio as produz deliciosas: «Justo é, senhor Dom Vasco, desobrigue eu minha palavra, ha pouco dada, de provar-vos que nós os portuguezes sabemos as ordenações da cavallaria, ácerca do desquitamento do preito, e menagem dos Alcaides mores, quando aquelles de quem tem os castellos os não querem filhar. Era Martin Vasques da Cunha, por sobrenome o Seco, Alcaide mór de Celourico do Basto, que o tinha por a rainha Dona Brites, que o houvera por suas arras. Veio-lhe a querer dar o castello, e ella disse que o desse a ElRei D. Dyniz seu filho, e

que ella lhe quitava a omenagem, que por elle lhe tinha feito; e elle veio a dzer a ElRei que filhasse seu castello, e alrentar-lhe muitas vezes, e elle lho não queria filhar, por queixa que delle tinha, por doestar o Bispo de Lisboa, que era seu privado, e havia por nome Dom Domingos Lardó. Este cavalleiro vendo que lho não queria filhar por guiza nenhuma, ouve de ir a Alemanha, e a Lombardia, e a Inglaterra, e a Africa, e a Navarra, e a Galiza, e a Aragão, e a Castella, e a Leão, e perguntou a todos os reis, e a todos os principes, e a todos altos homens, como podia deixar aquelle castello a seu salvo, pois que ElRei lho não queria filhar, e todos lhe disseram e aconselharam que entrasse no castello, e mettesse um gallo, e galinha, gato, cão, sal, vinagre, azeite, farinha, pão, vinho, agoa, carne, pescado, ferraduras, cravos, bêstas, sêtas, ferro, fogo, baraçõ, lenha, mós, alhos, cebolas, escudo, lança, cutello, ou espada, capello, ou capellinho, carvão, follés de ferreiro, fuzil, isca, pederneira, e pedras por cima do muro, e que fizesse fogo em uma das casas, em guiza que se viesse a salvo, e depois que tudo isto fizesse, que pozesse a todos fóra do castello, e que ficasse elle dentro, e que cerrasse as portas, e as tapasse de dentro do castello, e depois que se sobisse no muro, que atasse um baraçõ por cima das ameias, e que sahis e pelo baraçõ, em um cesto, e depois que atasse no calo do baraçõ uma pedra, e um cepo, de modo que tornasse o baraçõ dentro por cima do muro, e depois que se acolhesse a seu cavallo, e que fosse dizendo por tres freguezias — *acorrede ao castello d'ElRei que se perde;* — e quando fosse por estas tres freguezias assi dizendo, que nunca paras e mentes traz si. Este conselho lhe deram, e lhe mandaram que o fizesse assi, os reis, e altos principes, e outros senhores, e homens filhos de algo, a que elle perguntou. E diziam os reis todos, e cada um delles, que se ElRei de Portugal dissesse, que o cavalleiro não fazia direito em isto, e o que devia, que cada um delles lhe metteria as maõs; isto mesmo disseram altos senhores, principes, e altos homens, e o Conde Dom Gonçalo, que então era, e outros homens bons, ricos, que

em Portugal havia, se quizesse dizer que o cavalleiro não fazia direito, lhe metteriam as maons. Isto mesmo diziam os filhos de algo de outras terras, e os filhos de algo de Portugal, que elles metteriam as maons, se dissessem que o cavalleiro não fizera direito. Tudo isto trouxe Martim Vasques por escripto, e assignado por maons de notarios das terras, e trouxe cartas dos reis, e dos principes, e altos homens assignadas por elles.

Este Martim Vasques da Cunha deixou o castello de Celouico pela maneira que lho mandaram os reis, e altos homens, e fez dos bons feitos, que nunca foram feitos em Hespanha, para poderem os fidalgos deixar os castellos sem vergonha, quando lhos não tomassêem aquelles, de quem os tem. E esta boa ficou para sempre entre nós, como direito, que nós sempre mantivemos até ao presente. Já vêdes, senhor Dom Vasco, estar desobrigada minha palavra, e que quando quizesse poderia desquitar-me deste castello, ainda quando aquelles de quem o tenho não quizessem filha-lo.»

Não fez menos surpresa nos convidados o discurso de Martim Gonçalves, do que talvez fará nos leitores desta chronica, não conhecedores da Historia Ecclesiastica da igreja de Lisboa, de donde extrahi este episodio a folhas 205. E Vasco Gomez de Seixas não podendo contestar o dito de Martim Gonçalves, occultava o seu despeito, devorando a porção de truta assada, de que o dono da casa o havia servido.

E no em tanto Garcia Pereira só ouvia a bella Violante da Silveira, que em voz baixa lhe fallava: e Gonçalo Vasques só desejava ensejo de poder saber de Mafalda Gomez o motivo de seu estranho proceder; porém ella evitara sempre o fallar-lhe... e elle ficara triste até ao fim do banquete.

«Ficareis hoje com nosco?» perguntou Mecia Vasques a seu irmão.

— Se não mandarem damas o contrario, e vos apraz, ficarei: devo estar amanha ao meio dia no campo d'ElRei; até á uma hora espera e le que finde o prazo mareado na mensagem ao Alcaide mór de Chaves; antes d'isso não abalara de S. Pedro de Costem. Passarei convosco a vespera de Natal...

e quem sabe?... talvez será...» e não poude acabar a fraze, quizera dizer — *a ultima* — porque Mafalda Gomez olhou para elle com um olhar tão meigo... Oh! se elle entendêra a força toda dessa expressão... dizia-lhe... *o meu amor é talisman que te deffende... se houver victimas... screi eu!...*»

Gonçalo Vasques não o entendeu assim... infeliz! e ella?...

(Continuar-se-ha).

I. P. de M. S.

## VARIÉDADES.

### Bibliographia.

Acaba de publicar-se a segunda parte do — Romanceiro Portuguez, ou collecção dos Romances de historia portugueza, compostos por Ignacio Pizarro de M. Sarmiento. Porto 1845. — O acolhimento que esta obra tem merecido a nacionaes e estrangeiros ha sido tal, que, além dos encomios que lhe tem tributado, da primeira parte, impressa em 1841, se acha já hoje esgotada a edição. Da segunda, que ora apparece, não é menor o merecimento: manifesta-nos ella o mesmo patriótico empenho do joven trovador em fazer popular a nossa historia; sendo aliás muito para notar a boa escolha dos assumptos, que o Sr. Pizarro soube fecundar com a sua brilhante imaginação poetica. Desejára a quem mais esmero na versificação, mas além de que — *o trovador dista muito de poeta* — como bem notou o Sr. Pizarro no primeiro volume do seu Romanceiro, nós sabemos, que estas composições do Sr. Pizarro são antes improvisadas, que reflectidas e limadas: sirva de prova o ultimo romance desta segunda parte do Romanceiro — Martim Alfonso de Lucena — que elle compoz em tres dias, a tempo que já os outros romances estavam na Imprensa, e dali lhe era pedido mais um para tornar o segundo volume regular com o primeiro.

Tabella dos preços medios (por alqueires nos cereaes, e por almudes nos liquidos) dos generos nos Districtos e épocas abaixo designados. — Districto de Bragança — Setembro de 1845.

| CONCELHOS             | TRIGO    |        | Milho | Centeo | Cevada | Vinho verde | Vinho maduro | Azeite |
|-----------------------|----------|--------|-------|--------|--------|-------------|--------------|--------|
|                       | Temporão | Tremez |       |        |        |             |              |        |
| Alfandega da Fé...    | 240      | 360    |       | 220    | 140    |             | 800          | 2:700  |
| Bragança.....         | 300      | 340    |       | 220    | 180    |             | 800          | 4:800  |
| Carrazeda d'Anciães.  | 260      | 300    |       | 200    | 160    |             | 600          | 3:000  |
| Chacim.....           | 280      | 320    |       | 240    | 140    |             | 800          | 3:600  |
| Freixo d'Esp. á Cinta | 240      | 300    |       | 160    | 100    |             | 800          | 2:200  |
| Miranda.....          | 200      | 250    |       | 170    | 160    |             | 1:200        | 4:320  |
| Mirandella.....       | 340      | 380    |       | 220    | 180    |             | 800          | 3:000  |
| Mogadouro.....        | 240      | 300    |       | 160    | 120    |             | 960          | 3:600  |
| Moncorvo.....         | 240      | 300    |       | 180    | 110    |             | 700          | 2:700  |
| Villa Flor.....       | 300      | 400    |       | 220    | 180    |             | 700          | 2:300  |
| Vinhaes.....          | 240      | 340    |       | 200    | §      |             | 900          | 5:000  |

Districto de Villa Real — Setembro de 1845.

|                       |     |     |     |     |     |     |     |       |
|-----------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| Alfarella de Jalles.. | 310 | 390 | 210 | 210 | 110 | 640 | §   | 3:950 |
| Alijó.....            | 280 | 340 | 240 | 260 | 280 | §   | 700 | 4:000 |
| Carrazedo.....        | 240 | 340 | 200 | 200 | 120 | §   | 700 | 3:000 |
| Chaves.....           | 300 | 360 | 180 | 170 | 140 | 600 | 650 | 3:200 |
| Monforte.....         | 300 | 360 | 160 | 180 | §   | §   | 900 | 4:400 |
| Monte Alegre.....     | 260 | 340 | 240 | 190 | §   | 700 | 960 | 3:600 |
| Murça.....            | 260 | 360 | 200 | 220 | 160 | §   | 600 | 3:200 |
| Pezo.....             | §   | §   | §   | §   | §   | 300 | 400 | 4:000 |
| Santa Martha.....     | §   | §   | 360 | 380 | §   | 480 | 800 | 3:600 |
| Val Passos.....       | 270 | 360 | 180 | 180 | 120 | §   | 710 | 2:950 |
| Villa Real.....       | 330 | 415 | 300 | 240 | 155 | 600 | 800 | 3:840 |

Districto do Porto — Dezembro de 1845.

|                    |  |  |  |     |     |  |  |       |
|--------------------|--|--|--|-----|-----|--|--|-------|
| Praça do Porto.... |  |  |  | 300 | 250 |  |  | 2:650 |
|--------------------|--|--|--|-----|-----|--|--|-------|

### Synopse da Legislação do segundo semestre de 1845.

Portaria de 6 de Novembro, em que se concede a necessaria authorisação á Camara Municipal de Lisboa para proceder com as formalidades legais á venda de certos fóros de que é direc a senhora, cujo producto deve ser empregado na compra de Inscripções da Junta do Credito Publico, que foram subrogadas aos sobreditos fóros para garantia dos credores. — (*Diario do Governo de 8 de Setembro*).

Portaria de 7 de Novembro, sobre a melhor direcção das estradas entre Lisboa e Leiria, e entre o Oceano e o Tejo. — (*Diario do Governo de 13 de Novembro*).

Portaria de 14 de Novembro, sobre a verdadeira intelligencia do Art. 112 do Codigo Administrativo, cuja disposição tem applicação a todas as faltas dos Vereadores, quaesquer que sejam os motivos porque ellas se verifiquem. — (*Diario do Governo de 17 de Novembro*).

Portaria de 17 de Novembro, declarando que os compromissos novos ou alterados das Irmandades e Confrarias, assim como os de outra qualquer associação, são dependentes da approvação do Governo. — (*Diario do Governo de 19 de Novembro*).

Decreto de 10 de Novembro, com o Regulamento do Conselho Superior de Instrucção Publica. — (*Diario do Governo de 20 de Novembro*).

Portaria da mesma data, estabelecendo regras para a arrecadação de diversos bens, capitaes, direitos e accções, pertencentes á Fazenda, que andam fóra de sua legal administração e posse. — (*Diario do Governo de 20 de Novembro*).

Decreto de 15 de Novembro, sobre o recrutamento de 6161 mancebos para o exercito. — (*Decreto de 22 de Novembro*).

Portaria de 25 de Novembro, com instrucções para a cobrança dos 5 por cento additionaes aos Direitos de Mercê. — (*Diario do Governo de 28 de Novembro*).